

— CONEXÃO —

FEAL 

#30



JULHO 2023

no TerReIRO dE Yíá (2021), de rOnA. Massa acrílica, tinta acrílica, lápis carvão e lápis pastel. 1,60x1,56m.

RACISMO

Equipe editorial

Adriana Pontelli

Diretora de Publicações da FEPAL
Psicanalista da Associação Psicanalítica de Córdoba (APC)

Alicia Ángeles Ramírez

Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicanálise (SPP)

Ana Valeska Maia Magalhães

Analista em formação da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)

Carolina García

Editor-chefe da Caliban

Daniel Senos

Analista em formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Lúcia Palazzo

Diretora Suplente de Publicações da FEPAL
Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Maria José Tavares Barbosa Irma

Psicoanalista de la Sociedad de Psicoanálisis de San Pablo (SBPSP)

Marina Massi

Coordenadora Científica da FEPAL
Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Natalia Mudarra

Psicanalista da Asociación Panameña de Psicanálise (APAP)

Rafaela Degani

Psicoanalista de la Sociedad Brasileña de Psicoanálisis de Porto Alegre (SBPdePA)

Ximena Méndez

Analista em formação da Associação Psicanalítica del Uruguay (APU)

Tradução

Walter Lisboa

Projeto Gráfico / Diagramação

Leo Mangiavacchi

Imagem da capa

no TerReiRO dE Yíá (2021), de rOnA. Massa acrílica, tinta acrílica, lápiz carvão e lápiz pastel. 1,60x1,56m.

Editorial

Há diversos pontos de partida possíveis para analisarmos a História da América Latina e suas reverberações na atualidade. Na presente edição de Conexão FEPAL o entrelaçamento de imagens e textos se deu impulsionado pelo mal-estar da fibra estrutural que continua a tecer os confrontos nas relações humanas em nosso continente: o racismo.

Diferente do que acontece na maioria das instituições psicanalíticas, o campo da arte tem desconstruído narrativas eurocêntricas e aberto espaço para trabalhos de artistas indígenas, LGBTQIA+ e afrodescendentes. Muitos desses trabalhos contemporâneos confrontam a hegemonia branca, expõem a violência do racismo e dão ênfase à malha multifacetada, política e crítica dos movimentos organizados na luta por direitos. Para a capa dessa edição de Conexão FEPAL convidamos o artista rOnA (instagram: @ronaartista) para contribuir com seu trabalho. "No TerReiRO dE Yíá" é uma pintura desenvolvida com técnica mista: tinta acrílica, massa acrílica, lápis carvão e lápis pastel. Na obra observamos cores diversas, tons dourados e prateados, várias cabeças e olhares em soslaio representados. rOnA é um multiartista autodidata, e em seu desenvolvimento poético faz uma apropriação simbólica de festejos e religiosidades, como a Folia de Reis, o carnaval e o candomblé. Também elabora suas criações a partir de referenciais poéticos como oceanos e sonhos, sons e silêncios, infâncias e encantamentos. Inquieto, costuma dizer: "Arte pra mim é ação!".

Se a ação dá a tônica do fazer artístico, em nosso meio psicanalítico ainda é incipiente o reconhecimento do legado cultural africano e indígena. Estamos ainda impregnados da perspectiva colonial universal branca? Estamos cegos para a composição de nossas histórias plurais?

Nossa proposta com essa edição é pensarmos o racismo, sobretudo como o racismo se manifesta nas instituições psicanalíticas e quais ações antirracistas estão ao nosso alcance implementar. Nos atuais debates acerca do tema aponta-se para a necessária tomada de consciência, por parte dos brancos, de seus privilégios e a adoção de posturas responsáveis e de reparação após séculos de exploração, violência e extermínio de negros e indígenas em nosso continente. As sequelas colonialistas e escravocratas

estão diariamente presentes no racismo estrutural e deságuam, inevitavelmente, nas sociedades psicanalíticas, compostas por uma esmagadora maioria branca.

Como psicanalistas, não podemos permanecer imóveis ou alheios à violência do racismo que devasta a vida e a dignidade de muitos seres humanos; por isso, decidimos abrir esta edição com o manifesto do Conselho Diretor (publicado em maio) em repúdio aos graves acontecimentos e às manifestações racistas que ocorreram recentemente.

Quatro psicanalistas compartilham suas reflexões em **Perspectivas**. Wania Cidade, atual presidente da FEPAL, traz a indagação: "Psicanálise e Antirracismo: aliados?" Seu texto instiga pensarmos o movimento da clínica psicanalítica e a complexidade do racismo, do que se manifesta violentamente e o que fica encoberto, "atuando insidiosamente para manter a ordem social imutável". O incômodo e as reações de autodefesa dos brancos quando o assunto racismo está em ênfase reforçam a urgência de que essa realidade seja discutida nas instituições para que práticas antirracistas sejam efetivadas. Para Paola Amendoeira, pensar como psicanalistas sobre esse "sofrimento psíquico específico resultante de uma cultura estruturalmente racista" implica ações concretas, como demonstrado no compromisso assumido pela Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas. A partir do coração dessa experiência grupal, analisa as vivências suscitadas; daí o sugestivo título de seu trabalho: "O racismo, nossas Instituições e (in)quietas-ações". Por outro lado, Andrés Gautier Hirsch em seu artigo "Comentários sobre a obra de Carlos Macusaya: 'En Bolivia no hay racismo, indios de mierda. Apuntes sobre un problema negado'", propõe uma leitura de alguns dos eventos sociais ocorridos na Bolívia e no Peru nos últimos anos. Para isso, utiliza a ideia do "sujeito racializado" e o conceito psicanalítico de negação. Em "Colonização em América Latina", María del Carmen Cayupán também destaca esse conceito para se referir ao negacionismo que opera na população em relação a seus próprios traços de identidade, ligados aos povos originais.

"Um convite para trazer uma reflexão sobre racismo, sempre me leva a perguntar sobre o que se espera ouvir a este respeito", nos diz Sônia Beatriz dos Santos, antropóloga, professora, analista em formação do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e nossa convidada para contribuir em **Interseções**. Seu texto,

"Reflexões sobre Racismo e Psicanálise", instiga um retrospecto da história psicanalítica com destaque para as contribuições de Sigmund Freud e Juliano Moreira em uma perspectiva racializada. A autora problematiza a tensão atual que permeia o debate sobre o racismo entre os psicanalistas. Observa "a dificuldade de colegas de suportar, escutar, elaborar e conviver com o fato de ser atingido(a) pelo mal-estar e horror que o racismo instaura em nossas mentes e corpos." Todavia, as possíveis alianças entre brancos e negros na luta antirracista passam pela suportabilidade desse mal-estar e reconhecimento por parte dos brancos de suas práticas racistas, para então desenvolverem ações de mudança.

Em **Conversações**, Diana Zac, atual Diretora de Comunidade e Cultura da FEPAL, em diálogo com Alicia Ángeles Ramírez, nos conta como esta diretoria tem trabalhado em diferentes territórios da América Latina. Pensar Comunidade e Cultura na América Latina é adentrar em um locus de criatividade, polifonia e histórias plurais. Esperamos que apreciem a conversa.

Por fim, em **Marcadores de Calibán**, Alicia Briseño nos traz uma longa lista de autores e artigos sobre o assunto racismo, publicados em várias edições de nossa Revista Latino-americana de Psicanálise.

Encerramos nosso editorial com o convite à leitura da presente edição. Desejamos que este Conexão FEPAL chegue aos leitores de nossas diversas Sociedades, promova o diálogo, amplie nossa escuta, enriqueça nosso pensamento e ajude a promover ações de inclusão social. As inúmeras histórias que compõem a trajetória latino-americana, ainda que tantas vezes mutiladas, fraturadas, apagadas pelo colonialismo, exigem, hoje, novas narrativas. Nesse sentido, Wania Cidade destaca em seu texto o convite para o curso de longa duração que terá abertura com uma Webinar no dia 12 de agosto: "Uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise", coordenado por Maria José Tavares, membro da Coordenação Científica da FEPAL. São vários pontos de partida em ação, para, nas palavras de Wania, "iniciarmos a construção desta demorada aliança".

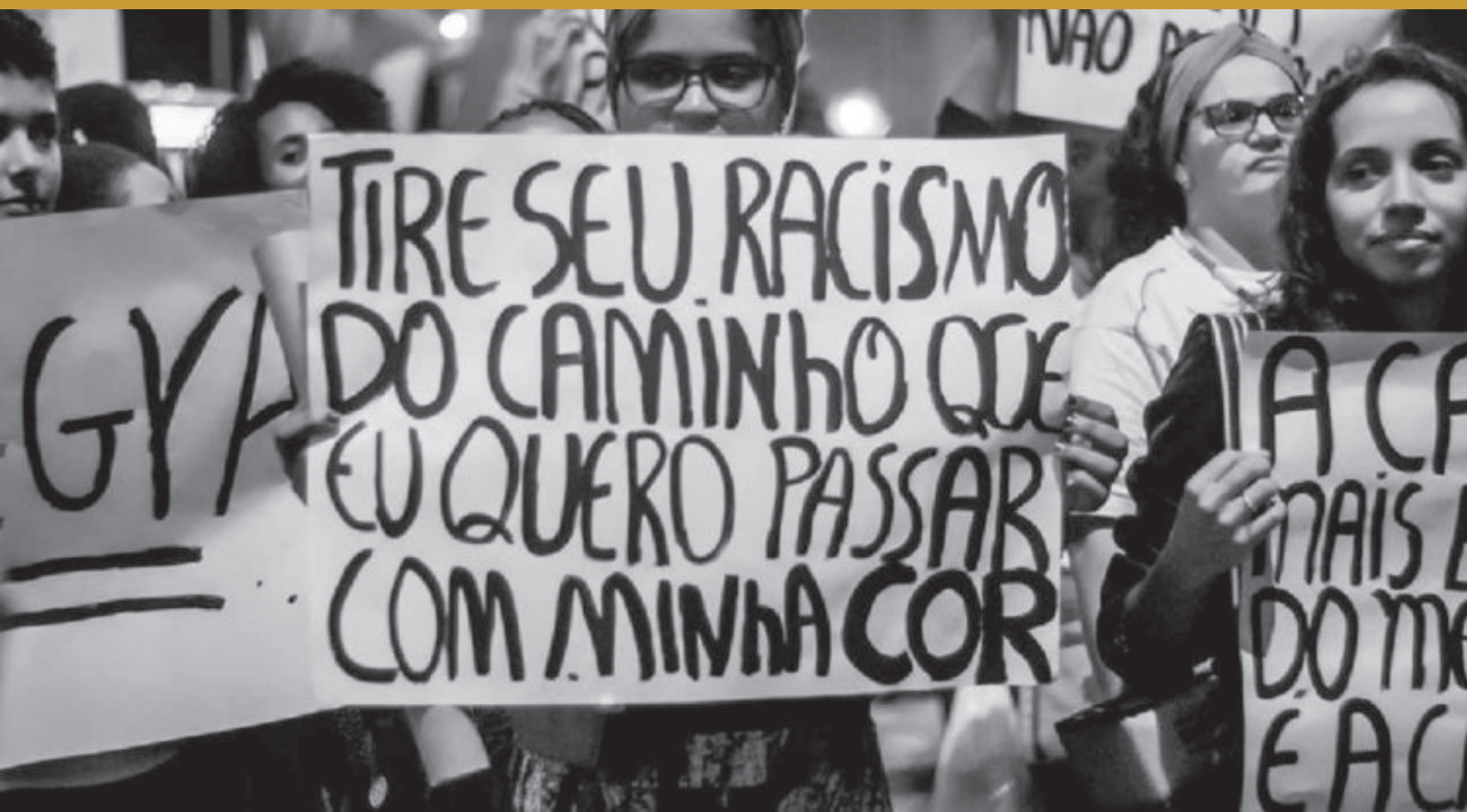
Adriana Pontelli y Ana Valeska Maia Magalhães

Manifesto

Racismo e Violência

O Conselho Diretor da Federação Psicanalítica da América Latina – FEPAL expressa e declara a sua preocupação e repúdio em relação aos graves acontecimentos e manifestações racistas que vêm ocorrendo em vários países.

Jogador de futebol brasileiro, de 22 anos, que tem sofrido reiteradamente agressões verbais e físicas durante partidas e campeonatos europeus, reagiu contra a violência a que foi submetido em campo. O ato de coragem e de resistência de Vini Jr ressoam em corações e mentes de outros jovens que vivem a opressão diária baseada na cor de sua pele. Jovens cujas vidas e sonhos existem sob ameaça.



Tais fatos revelam a cegueira e a impunidade no campo esportivo, mas não somente. Trata-se da necessidade de conscientização e de reconhecimento dos efeitos nefastos do racismo e da violência vinculados ao pensamento colonial, que dizima populações, provoca sofrimento psíquico contínuo e fere o direito à vida e à igualdade de condições para todos.

O silêncio das instituições psicanalíticas precisa ser rompido para fazer frente aos acontecimentos de seu tempo, sem omissão, negação ou desmentida.

As perversas manifestações racistas exercidas contra pessoas negras, contra indígenas ou contra qualquer outro ser humano, exigem repúdio por parte da comunidade psicanalítica orientada pela ética que norteia o nosso ofício.

A FEPAL se solidariza com as manifestações públicas contra o racismo estrutural e outras formas de opressão que violam os direitos democráticos.

Conselho Diretor



Perspectivas

Psicanálise e Antirracismo: aliados?

Por *Wania Maria Coelho Ferreira Cidade**

A crítica da modernidade estará inacabada enquanto não compreendermos que o seu advento coincide com o princípio da definição de raça e da lenta transformação deste princípio em matriz privilegiada de dominação ontem como hoje. Mbembe, 2014

Em psicanálise, no campo transferencial, transitamos entre amor e ódio, vida e morte, tristeza e alegria, medo e coragem, abandono e receptividade, fantasia e realidade, no entre do psiquismo do analista e do analisante. Um ofício construído a cada encontro por sutilezas, silêncios, burburinhos psíquicos forjados pelo terror, pelas paixões, afetos em oposição à representação, excessos e a não representação, pelo vazio e pelo desejo. Conduzimos a aventura de investigar universos distintos.

O processo psicanalítico não transcorre calmo nem estabelecido, ele vai e vem no ritmo das ondas das pulsões, da experiência emocional da dupla, afetado pela força do desejo, pelo que pulsa inconscientemente no psiquismo humano, fazendo pressão para vir à consciência. Seguidores do rastro do não dito ou daquilo que explode por falta de continência, observamos a nós mesmos e o outro.

Nesta extraordinária e estranha caminhada, tornamo-nos pessoas afeitas à indagação do que vai na alma, do que move o ser humano e, por isso, o nosso olhar inquieto para os fenômenos da cultura, para o que nos cerca proximamente e na comunidade mundial.

O racismo é uma das manifestações mais complexas que enfrentamos no mundo moderno, pois ele é responsável pela violência, pela desigualdade, pela discriminação, por modos de relações nos quais o outro precisa ser excretado, aniquilado para a manutenção de uma estrutura de poder que

mata e excluiu. Ao contrário do que admitimos, ele está entre nós, escondido, encoberto, disfarçado, atuando insidiosamente para manter a ordem social imutável.

As práticas do antirracismo são quase desconhecidas da psicanálise, embora seja a psicanálise internamente um campo aberto para a escuta, a investigação e a crítica da cultura. No entanto, a alienação e o descomprometimento estão relacionados à exclusão, às desigualdades e ao próprio racismo contra indígenas e negros existente nas estruturas dos países colonizados de maneira naturalizada e reproduzida no interior das suas instituições.

Este é um tema que está entre as preocupações da Direção da FEPAL e que faz parte dos nossos projetos, desde o programa de gestão, justamente porque acreditamos que está tão emaranhado com a organização política, econômica e social da América Latina que precisa ser pensado em uma perspectiva transdisciplinar entre a psicanálise, a antropologia, a história, as ciências sociais e políticas e os campos interessados neste diálogo fundamental.

Situado em um contexto histórico-cultural limitado e repressor, Freud revolucionou a modernidade, influenciando enormemente outras escolas e o caminhar do século XX. Com sua ousadia e coragem provocou impacto profundo na compreensão do psiquismo humano. Entretanto, data também da Idade Moderna a criação das raças, então preconizada pela ciência com o interesse em dividir os sujeitos entre superiores e inferiores para que uns (não brancos, africanos, latinos etc.) servissem os outros (brancos ocidentais). Diga-se de passagem, no século XX, a própria ciência desconstruiu o conceito de raça, mas ele permanece vivo no imaginário social.

Assim, penso ser movimento natural da psicanálise expandir-se em observação da cultura e em permanente intercâmbio com ela, inclusive, para ampliarmos a compreensão do humano, considerando as marcas e os traumas de nosso continente que geram conflitos brutais, ainda na contemporaneidade, nas periferias de nossas regiões.

No cenário atual, é inadmissível o nosso silêncio em relação ao racismo, calar-se em face da intolerância que se exterioriza em vários segmentos da sociedade, no religioso, no político, no sexual, diante de qualquer diferença. O nosso compromisso transcende o consultório particular e é reivindicado contra qualquer tipo de violência, pois no rastro de um ato violento invariavelmente nos deparamos com o sofrimento psíquico.

A colonização foi implantada como um sistema perverso, cruel e desumano, que dizimou povos, idiomas e costumes, seguiu o seu curso por séculos

explorando, violentando e desapropriando sujeitos de seus direitos de ser e de existir. Neste exemplar do Conexão FEPAL, estamos tratando de mecanismos discriminatórios bem-sucedidos, nos quais o Estado protegeu e assegurou os direitos de uma parcela da sociedade que, por sua vez, foi conivente com o sistema, em sua maioria, enquanto a outra parcela da população ficou alijada de sua cidadania com seríssimas repercussões para a coletividade, até os dias atuais. Refiro-me ao racismo embrião da colonização, que estrutura modos de relações de poder e que regula vidas; são métodos que marcam simbólica e socialmente os sujeitos não brancos, aqueles que estão fora do que foi estabelecido pelo Ocidente como norma universal. A mudança de paradigmas e o rompimento com o pensamento colonial também guardam certa violência, uma vez que estamos lidando com um sistema de privilégios do qual a parcela da sociedade que se beneficia dele não quer abrir mão.

Assim, as nossas instituições se tornaram brancas, e falar a respeito disto provoca sentimentos ambivalentes, gera inquietação e desgosto, por ser um assunto aparentemente alheio à psicanálise. Mas não nos interessa se temos um padrão homogêneo, composto por uma maioria de mulheres brancas, em média com 64 anos, dos centros urbanos etc.? (Dados da pesquisa realizada na gestão de Roberto Scerpella, FEPAL, 2016). Como faremos para diversificar os ambientes psicanalíticos se não conversarmos a este respeito? Esta não é uma questão para nós? Penso que sim e que precisamos agir.

Frantz Fanon (filósofo, psiquiatra e militante revolucionário) em suas investigações e prática clínica insistia em considerar, juntamente com a ontogenia e a filologia, a sociogenia, radicalizando na influência do mundo externo nas subjetivações. Não penso que isto seja novo para nós, o próprio Freud e alguns pós-freudianos consideram o meio ambiente na formação do sujeito, contudo, ele percebe a cultura colonial um fator doentio e causador do mal na sociedade, influenciando também no adoecimento dos sujeitos (Frantz Fanon, 2008).

Algumas sociedades do Brasil (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto), preocupadas com a inclusão e com o reconhecimento do racismo e das desigualdades, implantaram bolsas de estudos em seus institutos.

As discussões no interior das sociedades e a evidência do racismo em razão das informações que nos chegam pelos meios de comunicação vêm gerando mudanças importantes no cenário psicanalítico nacional, mas especialmente no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Escolas, associações e círculos de

psicanálise têm reproduzido a iniciativa da SBPRJ e criado projetos que visam à inclusão racial e social. O fato é que basta olharmos para os lados que veremos como nossas organizações são elitizadas e desligadas da realidade social, embora haja subversão e grupos ou indivíduos conseguem criar janelas nestes espaços que se voltam para a comunidade em geral.

Mas o antirracismo pressupõe que este assunto esteja em pauta, sendo discutido e trabalhado nas instituições, admite e promove o acesso às obras afrodiáspóricas e indígenas, bebe nestas fontes para maior compreensão do que ocorre com a nossa população, escuta as vozes excluídas dentro de nossos ambientes, convida-as para nossas reuniões científicas. Enfim, esta é a aliança a ser construída.

Internamente a Diretoria de Comunidade e Cultura, coordenada por Diana Zac, em parceria com o Grupo de Estudos Psicanalistas na Comunidade, coordenado por Isabel Mansioni, vêm trabalhando o tema. Em paralelo, a Coordenação Científica da FEPAL, coordenada por Marina Massi, promoverá um curso de longa duração cuja abertura será uma Webinar: uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise. O curso será coordenado por Maria José Tavares, membro da coordenação científica. Com muita satisfação convido-os para no dia 12 de agosto (horários em nossas redes sociais) iniciarmos a construção desta demorada aliança.

Que venham bons frutos!

** É psicanalista, membro efetivo e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Rio de Janeiro, foi diretora de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise, 2020-2022), onde criou a Comissão de Psicanálise, Racismo e Práticas Antirracistas para promover ações de inclusão de caráter antirracista nas sociedades brasileiras de psicanálise. É coordenadora da Comissão de Estudos Críticos sobre Relações Raciais, Descolonização do Pensamento e Racismo, na SBPRJ, e a atual presidente da FEPAL (Federación Psicoanalítica Latinoamericana, bienio 2022-2024).*





O Racismo, nossas Instituições e (in)quietas-ações

Por *Paola Amendoeira**

"Uma chama não perde nada ao acender outra chama"

***ditado africano (Gonçalves, 2006)*

O livro *Um defeito de cor*, escrito em 2006 por Ana Maria Gonçalves, é uma verdadeira saga histórica e diaspórica africana que através dos 'riozinhos de sangue' - como Kehinde, a protagonista, ainda criança nomeava as violências e o sofrimento que vivia - conecta África e o vir a ser brasileiro e latino que somos e ainda não pudemos ser.

Ela dedica o livro aos avós, com o ditado: "Quando você segue as pegadas dos mais velhos, aprende a caminhar com eles." Aos amigos, com o ditado: "Amigo é como um vizinho quando Deus está distraído". E também dedica aos historiadores, escritores, professores, sociólogos, antropólogos e etc., o ditado que está na abertura deste texto - todos provérbios africanos.

O recrudescimento da violência contra certos grupos sociais tidos como minoritários - que não só estão na base e na origem fundante da constituição do nosso país e da América Latina, como, também, representam a maior parte da nossa população, a saber negros e indígenas -, somado às questões de raça, gênero, sexo e concernentes aos direitos humanos estão em pauta e precisam ser pensadas pelos psicanalistas, posto que elas nos chegam cotidianamente por caminhos singulares e coletivos, como testemunhos de dores inomináveis que determinam um sofrimento psíquico específico resultante de uma cultura estruturalmente racista que alimenta, reproduz e perpetua uma ampla intersecção de preconceitos e estabelece a ordem do poder vigente. A todos estes, devemos um pedido de desculpas pela nossa demora em percebê-los e vê-los com e a partir da cor que têm e que muito falam da sua história, da pessoa que são e das

contribuições que nos trazem.

Reconhecer e assumir a falha é mostrar que enfim percebemos as maldades que, se não fizemos, permitimos que se repetissem e perpetuassem por conta do nosso silêncio. É, também um passo importante que abre caminho para podermos reparar, consertar e nos melhorar para que sejamos verdadeiramente plurais e inclusivos quanto às diferenças. Essa sim a profunda vocação do nosso ofício desde o tempo das históricas de Freud.

Em 2021, a FEBRAPSI sob a presidência de Cíntia Xavier de Albuquerque e através da Direção de Comunidade e Cultura, dirigida por Wania Cidade, constituiu a Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas, assumindo seu compromisso em:

- Aprofundar a compreensão do pensamento colonial, das relações raciais e do racismo estrutural no Brasil, visando maior compreensão sobre o tema no ambiente psicanalítico;
- Pensar em dispositivos que ampliem a aproximação da população negra e indígena do ambiente e do conhecimento psicanalítico;
- Trazer a riqueza da diversidade de pensadores da diáspora negra para o ambiente psicanalítico;
- Formular ações antirracistas.

A partir daí, todas as Sociedades e Grupos de Estudo, componentes da FEBRAPSI, foram convidados a nomear um representante que passaria a compor a Comissão com a sua presença nas reuniões.

A disponibilidade interna e emocional é intensamente mobilizada. Trata-se de um debate que para nós, brancos, e também para os negros e para os pardos, é sempre um confronto que muitas vezes nos levam, cada um, à exaustão das nossas capacidades de conter o volume desta intensidade e suportar a certeza de que dentro de nós se mantém ativo, sem que nós tenhamos muito controle sobre ele, um sistema racial que é ativado quando não esperamos, que nos pega de surpresa e revela a cada um de nós o racista que trazemos todos conosco internalizado.

Estar, permanecer, aguentar, suportar ficar no grupo, ouvir o que muitas vezes nos veste como carapuças, verdadeiras e graves acusações, são sentimentos que frequentemente alcançam um grau agudo de autoconsciência na dinâmica dos encontros que abordam as relações raciais e o racismo. É contundente a presença dessa experiência que impõe a tolerância a um grau de separação que é intolerável e que põe em movimento uma experiência de humilhação no campo narcísico. Nos sentimos mal, cada um, a cada momento que se tocam e levantam memórias particulares da nossa própria história. Estes grupos têm o potencial de se desenvolver como o espaço onde essas experiências podem ser compartilhadas,

acolhidas e, algumas, acredito eu, reescritas.

A ansiedade de se ver e de estar sendo visto, apontado, discriminado, emerge internamente e fere o orgulho narcisista. Emoções tumultuosas podem surgir quando nos sentimos observados. Sobretudo quando essa observação aponta desvios, dificuldades e limitações ao invés de sentimentos agradáveis como orgulho, prazer ou gratificação.

Por isso, me parece ser tão difícil e pantanoso este terreno em que nos deixamos enfiar ao não nos enfrentar e não permitirmos o convívio de diferenças suficientes que nos ofereçam o espelho do que não somos. Preço alto que a colonização internalizada cobra às nossas instituições psicanalíticas.

Será possível a nós fazer deste limão, uma bela limonada? Ou, ao menos, uma limonada possível?

Nada disso é por acaso. Nada disso está fora do tempo. Mas, sim, como provoca Ignácio Paim, está atrasado, estamos muito atrasados.

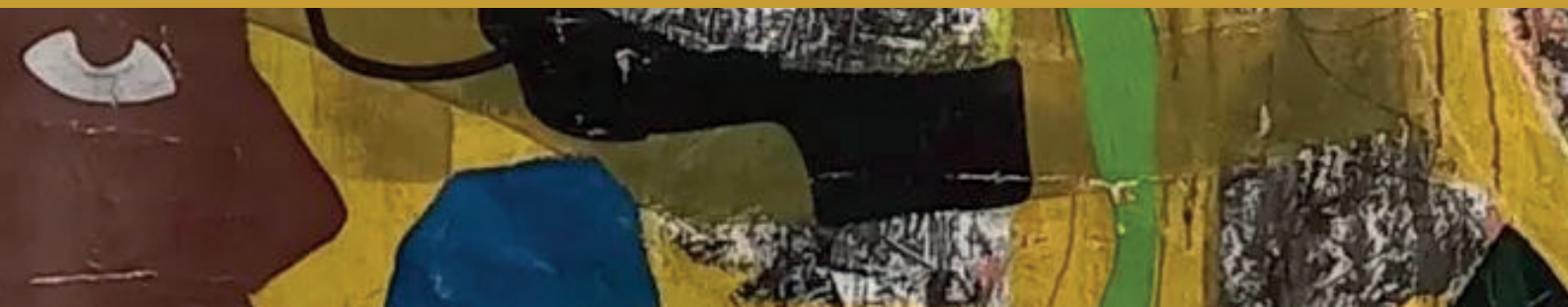
De todo modo esse parece ser o nosso tempo. O tempo necessário para que a Psicanálise Brasileira e a Latino Americana enfim abrissem espaço para pensar pensamentos dolorosos que há muito se acumulam em nosso entorno, e que para serem ignorados cobram o preço altíssimo da limitação para o pensamento.

Onde já seu viu: psicanalista sem pensar pensamentos? Ou, a massa psicanalítica trabalhando para impedir e evitar que qualquer um possa também pensar esses tantos pensamentos?

** Paola Amendoeira é Psicóloga e Psicanalista. É membro da IPA, da FEPAL e da FEBRAPSI. Atualmente é co-Chair do Subcomitê IPA junto às Nações Unidas e membro do IPA's Steering Committee. É Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e membro docente do Instituto Virgínia Leone Bicudo da SPBsb. É Editora do Jornal Associação Livre editado pela SPBsb e membro componente da Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI).*

**** Referência Bibliográfica**

- Gonçalves, A. M. (2006). Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record. Acesso em 26 de junho de 2023, disponível em <https://escrevivencia.files.wordpress.com/2014/03/um-defeito-de-cor.pdf>



Comentários sobre a obra de Carlos Macusaya: “En Bolivia no hay racismo, indios de mierda. Apuntes sobre un problema negado”

Por **Andrés Gautier Hirsch***

É a obra de um intelectual aimará que escreve a partir da implicação de quem vive o racismo cotidiano, como fez Frantz Fanon quando escreveu “Pele negra, máscaras brancas” (1952). Macusaya escreveu e publicou em meio a uma gravíssima crise política na Bolívia, marcada por uma polarização político-social cujo componente racial tem sido predominante desde outubro de 2019.

O racismo que surgiu então na Bolívia com um radicalismo insuspeitado é da ordem de uma patologia psicossocial de massa. Concordo com Macusaya quando diz, falando da repressão iniciada em novembro contra as populações indígenas de El Alto, da zona sul de La Paz e do Chapare: “assim como muitos alemães em seu tempo viram como justo o tratamento nazista aos judeus e até o celebraram, hoje na Bolívia é visto como justo e é celebrada a violência contra os índios” (pág. 105).

Carlos Macusaya introduz um conceito adequado para pensar; fala do “sujeito racializado”, que é uma pessoa que recebe tratamento favorável ou discriminatório com base na categoria racial que a sociedade lhe atribui. Nossas sociedades são produtoras de sujeitos racializados. Não teria conhecimento de uma sociedade que não os produza.

Sem ir mais longe, se penso na minha família, penso na minha mãe judia atea que, desde os meus 10 anos de idade, frequentemente me contava quão inteligentes eram os judeus, e mencionava Einstein, Marx, Freud... Toda pessoa, querendo ou não, tem marcas racistas.

O século XIX até quis dar às teorias racistas existentes um valor científico. Era uma justificativa para a dominação colonial. As tendências racistas têm uma longa história na humanidade. Assim, no século IX – no início da reconquista da Espanha que estava sob o domínio dos mouros –, a nobreza espanhola pretendia ter “sangue azul”, a fim de distinguir-se de mouros e judeus.

O que chama a atenção é que a maioria das pessoas nega seus traços racistas, seus sentimentos e pensamentos racistas, como Macusaya menciona no subtítulo de seu livro: "Notas sobre um problema negado". E é uma observação que não se aplica apenas à Bolívia. Albert Memmi observa no início de sua monografia sobre racismo, em 1982, que quase ninguém quer ser racista, mesmo que seu discurso possa ser racista. Ele também fala desse paradoxo que Macusaya indica com o título de sua obra: a negação de algo que o outro ostensivamente é. É preciso dizer que ser racista perdeu seus títulos de nobreza.

Falar de negação, como diz Memmi ou Macusaya, é tocar "um mecanismo de defesa". O ser humano, para se manter em equilíbrio, desenvolve desde muito cedo mecanismos de defesa que reprimem, esquecem ou negam. Essas tendências podem ser observadas em pessoas que não se sentem capazes de refletir sobre o que acontece com elas. Como o racismo é mal visto hoje, e possivelmente aos olhos da própria pessoa, quem terá essa força para poder se autoanalisar, querer reconhecer e analisar essa tendência? É como o alcoólatra que não reconhece seu alcoolismo.

Macusaya introduz em sua obra o conceito de "limites hierárquicos", a serem respeitados entre essas raças, entre os superiores e os inferiores. Quem não respeitar a hierarquia corre o risco de ficar exposto ao olhar que lhe diz: "Não passe dos limites"!

Foi o que aconteceu na Bolívia em novembro e dezembro de 2019, com mortos, feridos, detidos e torturados, com cidadãos de origem indígena sendo tratados como terroristas, criminosos e selvagens. Foi o que aconteceu também no Peru em dezembro de 2022 e janeiro de 2023.

Se o racismo é tão atraente para uma parte da população, é devido a uma necessidade, em grande parte inconsciente, de estar em uma posição de superioridade, de poder e querer defender essa posição. A atração de estar do lado do pai da horda primitiva, a identificação com o agressor é um pão cotidiano. É uma pulsão de vida que brinca com a morte.

Graças à colônia, o racismo foi naturalizado, como diz Macusaya. Nem o fim da colônia espanhola nem a República foram capazes de desnaturalizá-lo. A ficção racista no inconsciente individual e coletivo mantém seus títulos de nobreza.

** Doutor em Psicologia pela Universidade de Zurique (Suíça), Psicoterapeuta e Psicanalista. Graduado pelo ILAP. Membro direto da IPA. Membro do grupo de analistas que colaboram com as tarefas de formação e divulgação do ILAP. Responsável pela área socioterapêutica do Instituto de Terapia e Investigação sobre as sequelas da tortura e da violência de Estado (ITEI) na Bolívia. Longa experiência psicanalítica em consultório particular, em prisões (na Suíça e na Bolívia) e em intervenções em comunidades indígenas e situações de crise (na Bolívia). Membro do Comitê Executivo da Sociedade Boliviana de Ciências Forenses.*

Refêrencias bibliográficas

- Fanon, F. (1952/2009): *Piel negra, máscaras blancas*, Madrid: Ediciones Akal.
- Macusaya Cruz, C. (2020): *En Bolivia no hay racismo, indios de mierda - Apuntes sobre un problema negado*, Bolivia: Jichha
- Memmi A. (1982/1994) : *Le racisme*, Paris: Folio Actuel.



Colonização na América Latina

Por **María del Carmen Cayupán***

Em seu livro "El rugir de multitudes", Pablo Ramírez (2004) faz uma análise dos povos indígenas da Bolívia na atualidade, a partir da luta pela defesa de suas culturas, que foram desenvolvendo um idealismo multicultural. O autor destaca não só as palavras, mas também as ações transformadoras desses povos para resgatar sua história e cultura. Os movimentos indígenas multiculturais utilizaram símbolos dos distintos grupos, assim como de todos os grupos integrados, como a Wihpala do Qullasuyu (bandeira quadrangular de sete cores), os pututus (instrumento musical) e os ponchos vermelhos e verdes. Esses movimentos e seus símbolos permitem que as culturas e as línguas aimará e quíchua sejam atualizadas em homenagem aos heróis indígenas, como Katari Zárate, entre outros.

Na América Latina, foram configurados territórios com populações lideradas por indígenas que esgrimem os símbolos das comunidades. No entanto, originam-se territórios em conflito entre o Estado indígena e o poder local regional branco-mestiço, como é o caso dos "sem-terra". Certamente, ao surgirem espaços de confrontação, se exige que o poder – novamente colonialista – controle o setor indígena "violento" (como o descreve o poder político do Chile e da Argentina) cujos membros são tratados como criminosos.

A proposta de reconhecimento das diversidades culturais e da inclusão dos povos indígenas por alguns Estados torna-se uma afirmação desprovida de conteúdo, uma vez que o olhar para esses povos é aquele herdado da colônia, de um lugar onde sua organização social e sua cosmogonia são

¹ "Identidad Marrón" é uma organização civil que denuncia e procura tornar visível a discriminação sofrida pelas populações indígenas, migrantes e camponesas na Argentina.

desconhecidas. Por exemplo, as mulheres marrones (índias ou mestiças) pedem aos governos que lhes permitam dar à luz de acordo com sua cultura, usar a farmacopeia de seus ancestrais e transmitir sua língua e história.

A colônia determinou o futuro dos povos originários. O Ocidente apresentou-se como superior em seus conhecimentos. Culturalmente, os Estados são definidos como civilização, modernidade e racionalidade, incluindo escolas, hospitais e quartéis. No entanto, a dominação étnica vem sendo exercida desde a colônia, mergulhando a população indígena na pobreza, no trabalho escravo, na exploração do trabalho infantil e no trabalho arriscado.

Em seu artigo, Silvia Cusicanqui (2008) faz referência ao tratamento ultrajante dado aos indígenas por meio de frases discriminatórias, fruto da xenofobia: "Que cholo de merda!". "Agora, até os chefes de gabinete são índios puros." "Índios puros de jaqueta estão no Ministério." A autora diz que aqueles de ascendência indígena têm um coração esquizofrênico, dividido; por um lado, sentem orgulho e, por outro, autodepreciação, vergonha. O crioulo – mestiço de espanhol e índio – passou a odiá-lo ou eliminá-lo para ocultar por vergonha sua origem indígena. Podemos pensar em uma identidade negacionista de sua origem indígena. Na sua obra "Martín Fierro", José Hernández (assim como em algumas obras de Jorge Luis Borges) narra os ataques daqueles crioulos que usavam o facón, arma ocidental que chegou com os colonizadores.

Mesmo hoje, taxar alguém de índio é uma forma de insulto. Alguns estigmas que são atribuídos, por preconceitos, ao índio, nativo ou mestiço (por exemplo: ser vagabundo, que não gosta de estudar ou trabalhar), favorecem o ódio com relação à suas pessoas, por ser um "outro" distinto, e que tem que ser eliminado. Blanca Montevechio, psicanalista argentina, diz que algo que caracteriza nosso povo é a capacidade de negar o presente (sem o reconhecimento ancestral), com a incapacidade de resolver o futuro. O processo de transculturação mostra dificuldade na elaboração da identidade.

** Médica formada pela UBA. Psicanalista. Membro da APA, FEPAL, APSA e IPA. Membro da Equipe da Diretoria Comunidade e Cultura da FEPAL sob a direção de Diana Zac e Alicia Briseño. Prêmio FEPAL 2022 pelo trabalho "Crises sociais e neutralidades, o pro-blema do negacionismo".*

Referências bibliográficas

- Mamani Ramírez, P. (2004). *El rugir de las multitudes: la fuerza de los levantamientos indígenas en Bolivia / Qullasuyu*. La Paz: Aruwijiri.
- Montevechio, B. (1999). *Las nuevas fronteras del psicoanálisis*. Buenos Aires: Lumen.
- Rivera Cusicanqui, S. (2008). *Pueblos originarios y Estado*. En *Gestión pública intercultural*. La Paz: Azul.

Interseções

Reflexões sobre Racismo e Psicanálise

Por **Sônia Beatriz dos Santos***

É a mais superficial das diferenças humanas, tem apenas a profundidade da pele. No entanto, como construção ideológica, a ideia de raça impulsionou guerras, influenciou a política e definiu a economia mundial por mais de cinco séculos. (Portal Geledés, 2010)

Um convite para trazer uma reflexão sobre racismo, sempre me leva a perguntar sobre o que se espera ouvir a este respeito. Percebo com certa frequência nas discussões entre grupos ou instituições a existência de uma concepção que se assenta na crença de que quando nos debruçamos sobre o tema do racismo e as questões que se originam a partir dele, tal empreendimento se dará sob uma perspectiva romantizada de que não vai haver conflitos entre nós, ou que não vamos nos frustrar; por outro lado tenho observado a dificuldade de colegas de suportar, escutar, elaborar e conviver com o fato de ser atingido(a) pelo mal-estar e horror que o racismo instaura em nossas mentes e corpos. No entanto, para nós pessoas negras tais estados de sentimentos não passam por uma possibilidade de escolha, tenhamos consciência ou não deste processo; estas emoções são vivenciadas no cotidiano e passadas transgeracionalmente.

Não há escapatória para quem entra em contato de fato com a realidade lancinante que é o racismo; ele nos deixa à flor da pele, asfixiados, consternados e para alguns de nós – que têm seu lugar no mundo marcado pela subalternidade racial –, esta conjunção de sentimentos é respirada, tornada conhecida, e experimentada desde o nascimento. É preciso salientar que muitos de nós temos podido sobreviver a estas comiserações até os dias atuais porque nossas(os) antepassadas(os) criaram resistências e caminhos resilientes que têm nos sustentado psíquica e fisicamente. Nossa adaptabilidade ao racismo – não confundam com conformismo – é uma tecnologia ancestral sui generis transmitida ao longo das gerações de afrodescendentes da Diáspora e da África. Neusa Santos Souza (2021) afirmava que

“Os antepassados ocupam um lugar privilegiado na história do negro, particularmente do negro brasileiro, substancialmente investidos de

energia libidinal, suas palavras têm estatuto de verdade e força de lei, e seus projetos não realizados são o destino dos descendentes. Assim, essas figuras ancestrais – mais ou menos remotas – constroem o sistema superego ideal do ego, viabilizando a interiorização das exigências e ideias a serem cumpridos por filhos, netos, bisnetos, ad infinitum." (p. 67)

Isto posto, precisamos atentar para outra contribuição fundamental trazida por Isildinha Nogueira (2021), porque seu argumento nos chama para a ação contra o racismo:

"Para a psicanálise, o sujeito se define como uma estrutura marcada pela descontinuidade entre consciência e inconsciência. Tal descontinuidade implica que a dimensão do inconsciente escapa à consciência e aos processos cognitivo-reflexivos que lhe são próprios. Nesse sentido, o sujeito é afetado pelos processos inconscientes que o habitam e sobre os quais não pode exercer um controle consciente." (p. 71)

"O ponto de vista que pretendo tematizar diz respeito justamente a esse aspecto inconsciente em que o racismo se inscreve, tanto para os brancos quanto para os negros. E é esse fenômeno que faz com que os conteúdos inconscientes ligados ao racismo persistam, independentemente da realidade social e política. Ou seja, mesmo que, no campo social, político e jurídico, o racismo possa ser excluído, tal exclusão opera no plano da consciência dos indivíduos que não pode, por si só, determinar o campo do inconsciente." (p. 71)

Portanto, se como a autora demonstra, o racismo se inscreve no inconsciente do indivíduo, que por sua parte, não pode exercer um controle consciente sobre tal, devemos considerar que emerge desta problemática a necessidade de uma ação fundamental a ser desempenhada por psicanalistas e suas instituições no que tange ao enfrentamento do racismo, inclusive em sua dimensão patriarcal cis-heteronormativa. E considero que temos na cronologia da Psicanálise as bases para este compromisso, pois ela emerge na conjuntura da história do racismo, onde se desenvolviam discursos e práticas baseados na raça contra grupos e povos de origens não europeias em meados do século XIX: eugenia, darwinismo social e racismo científico; período no qual Freud (1856-1939) e Juliano Moreira (1872-1933) nasceram e viveram suas infâncias, juventudes e parte da vida adulta.

Tenho empreendido esforços para pensar a constituição da teoria freudiana e seus desdobramentos dentro deste contexto racializado, mesmo que tal aspecto não apareça nas obras do autor. Elisabeth Roudinesco (2016) demonstra que Freud

¹ *Juliano Moreira fue un médico psiquiatra negro, frecuentemente considerado como el fundador de la Psiquiatría y del Psicoanálisis en Brasil.*

apresentava em sua herança ancestral a experiência humana atravessada pela racialização de seus antepassados que vivenciaram as angústias da exclusão que marcava física e psiquicamente os sujeitos de pertencimento étnico-racial distintos do branco europeu. De modo que me intriga pensar porque ele não desenvolveu reflexões psicanalíticas em torno de questões raciais.

É, a partir do século XX que autores e autoras tais como Frantz Fanon, Neuza Santos Souza, Lélia Gonzalez, Isildinha Nogueira, Ignácio Paim Filho, Wania Cidade, dentre outros, vão nos despertar para o pensar a psicanálise à luz da raça e do racismo. Destaco Lélia Gonzalez (1988) que vai buscar nos estudos da psicanálise as razões para o desenvolvimento da neurose cultural entre os brasileiros como uma consequência direta do racismo, pelo fato de o país negar suas origens "ladinoamefricanas" (p. 69).

Concluo reafirmando que os contextos das existências de Sigmund Freud e Juliano Moreira não podem ser ignorados sob o ponto de vista da história da psicanálise. Não é possível negligenciar que as primeiras teorias psicanalíticas foram formuladas por uma pessoa racializada e se expandiram pelo mundo; e tão pouco não é possível não dar notoriedade ao fato de que elas foram introduzidas no Brasil por um homem negro originário das classes populares nascido antes do término do regime escravocrata no Brasil (ver Marinho, 2017, p. 90). Ambas trajetórias se constituíram em meio ao processo de racialização do mundo, afetando a vida de judeus, negros, povos originários, dentre outros povos não europeus.

**Analista em formação do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Antropóloga, professora associada da Faculdade de Educação/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: soniabsantos@yahoo.com.*

Referências bibliográficas

- *A história do racismo. África e sua Diáspora. Esquecer? Jamais.* (2010). Fonte: Portal Geledés: https://www.geledes.org.br/historia-racis-mo/?amp=1&gclid=EAlaIQobChMlr7jBqqek_wIVpkFIAB094ga_EAAYASAAEgI0cPD_BwE
- Freud, S. (1914/2010). *Introdução ao narcisismo*. Em S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- González, L. (jan-jun de 1988). *A categoria político-cultural de amefricanidade*. *Tempo Brasileiro*, 92(n. 93), 69-82. Acesso em 15 de junho de 2023, disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6409966/mod_resource/content/2/2.%20Lelia%20Gonzalez_A%20categoria%20pol%C3%ADtico-cultural%20de%20amefricani-dade.pdf
- Marinho, F. (2017). *O Precursor*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 87-96.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: *Perspectiva*.
- Roudinesco, E. (1944/2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. (A. Telles, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar.

Conversações



Diana Zac, Psicanalista da APdeBA e Diretora de Comunidade e Cultura da FEPAL 2022-2024

Em Língua Viva: FEPAL Hoje Entrevista com Diana Zac

Por **Alicia Ángeles Ramírez***

Alguns rios de trabalho comunitário na Psicanálise latino-americana foram descritos nesta entrevista por Diana Zac, atual diretora da área de Comunidade e Cultura da FEPAL. Conta-nos como se vem trabalhando em diversos territórios de nosso continente nessa área, em equipe, como corpo pensante e sustentador de um trabalho que vitaliza tanto a Psicanálise de cunho latino-americano quanto nossa atividade clínica. Encontrarão também ecos do encontro "Diálogo entre Direitos Humanos e Psicanálise", que realizamos em abril passado. Ele já está acessível a todos em nosso canal do YouTube em português, espanhol e inglês. Convidamos vocês para essa conversa feita a duas mãos entre Buenos Aires e Lima e esperamos que a encontrem tão substancial quanto nós. [Clique aqui e assista ao vídeo.](#)

** Analista em formação da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP). Membro da Equipe de Publicações da FEPAL.*

Marcadores de Calibán

Racismo

Por *Alicia Briseño**

O racismo como construção social foi criado para justificar o tratamento abusivo e desigual na exploração, escravidão, espoliação, perseguição etc. de outros. O racismo é baseado no pré-juízo, ou seja, em julgamentos feitos a partir do inconsciente, portanto, é difícil não apenas detê-los, mas também detectá-los em cada indivíduo.

Ao longo de dezoito textos, diferentes autores em Caliban nos apresentam algumas formas de racismo, discriminação e exclusão, questionando a psicanálise e os psicanalistas. Nos mostram, cada um a seu modo, as diferentes formas de racismo, o tema da branquitude, da discriminação, da misoginia e do classismo.

Calibán Poder vol.16 (2)

- *Wania Cidade e Jorge Kantor*: O racismo como fator clínico relevante: "Tenemos un problema."
- *Iuán Gutiérrez Cuadrado*: Racismo, um legado que produz identificações alienantes.
- *Jorge Luyando Hernández*: Concepção do mundo e discriminação racial.
- *Cyril Levitt*: Projeção paranoide como uma defesa contra sentimentos racistas e como identificação com o agressor: Um relato clínico.
- *Lúcia Maria Almeida Palazzo*: O medo na cena analítica: E se Calibán fosse africano?
- *Margareta Hargitay Wieser*: Por que não falamos sobre racismo e discriminação na psicanálise? Nós, venezuelanos, somos bacanas.



- *Gabriel Duques*: Angelus novus.
- *Ney Marinho*: Racismo e o mistério da repetição.
- *Alice Becker Lewkowicz*: Das rodas de conversa ao jongo: Da desmentida às mensagens cifradas.

Calibán Paixão vol 17 (2)

- *Carla Rodrigues*: Misoginia, feminicídio, racismo, punitivismo: Alguns significantes da violência contra a mulher.

Calibán O Infantil vol 19 (1-2)

- *Josimara Magro Fernandez de Souza*: – Sobre a branquitude em nossa clínica com crianças e adolescentes.

Calibán Como vamos viver juntos? Álbum 20 (1)

- *Cecília Moia*: Discriminação
- *Ignacio A Paim Filho*: Racializando a psicanálise: Rompendo as fronteiras alienantes da branquitude.
- *Wania Maria Coelho Ferreira Cidade*: Racismo, violencia y trauma.
- *Jorge Bruce*: A outredade maligna.
- *José Enrique Galeano*: Heteronormatividade, discriminação e instituições psicanalíticas.
- *Lúcia Maria de Almeida Palazzo*: Em que ponto estão os psicanalistas? Branquitude. Ação afirmativa. Nova ação psíquica.

* *Psicanalista Didata pela Sociedade Psicanalítica do México. Coordenadora Substituta de Comunidade e Cultura da Fepal (2022-2024) e Editora pela Região Norte de Calibán.*



The garden of good and evil (2019), de Alfredo Jaar.

